



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha-Lisboa • Telefone 5339 C.

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## OS CRIMES DOS SENHORIOS

### MILHARES DE VITIMAS

O bem só é merecido quando se sabe conquistar

Não será talvez possível saber-se ao certo quantas pessoas estão sendo lesadas pela ganância dos senhorios e dos tais inquilinos-senhórios. No entanto sabe-se que são muitas, que são uma legião. Para fazermos uma pequena ideia apresentamos alguns números, os únicos concretos que a tal respeito se podem colher.

Trata-se da quantidade enorme de depósitos feitos pelos inquilinos, a quem os senhorios recusam as rendas, na Caixa Geral dos Depósitos. Colhemos apenas os respeitantes aos últimos dois meses, Fevereiro e Março, e se os governantes nos tivessem imitado nesta simplicíssima tarefa chegaríamos fatalmente à conclusão de que existe de facto a grande questão do inquilinato, questão que tanto mais se agravará quando mais tempo inquilinos e governantes se demorarem em resolvê-la.

Nos primeiros oito dias do mês de Fevereiro, conforme a lei estabelecida, foram feitos na C. G. D. 2103 depósitos, no mês de Março os depósitos subiram até ao número de 2139.

Há actualmente uma média de 2121 depositantes, 2121 famílias lesadas, em risco de ser postas no meio da rua, ou de sofrer um aumento de renda logo que o projecto aborta se transforma em lei, com todas as portas falsas e alcapões, permitindo a esses 2121 senhorios requisitar as casas para sua moradia, do que resulta os mais odiosos abusos, que os inquilinos pagam tão caro.

Evidentemente que cada depositante não vive só, tem a sua família, por vezes numerosa. (Estes dados referem-se a questões entre senhorios e inquilinos que alugam as moradias completas. Não são contados os moradores de quartos; apenas a locatários de parte de casa são admitidos depósitos embora estes como os que vivem num só quarto não estejam protegidos pela lei). Como ninguém aluga casas de vários compartimentos para viver só, temos que estabelecer numa média de três pessoas de família — e isto muito por alto — ou sejam 6363 indivíduos vítimas da perseguição dos senhorios. Juntamos-lhe aqueles

que desconhecem a lei e não vão a C. G. D. fazer os seus depósitos; os que andam como o Judeu Errante, de quarto em quarto, por essa cidade; mais aqueles desgraçados do Convento das Bernardas e tantos que suportam resignadamente os aumentos de renda, e apuraremos quinze ou vinte mil criaturas em conflito com os senhorios e inquilinos exploradores dos outros inquilinos. E estamos convencidos de que não exageramos.

Ora não será triste, degradante mesmo, que sendo os inquilinos uma legião, se deixem explorar assim por um punhado de senhorios sem escrúpulos?

Não será vergonhoso para um governo, que diz governar para o povo, ver o povo desprotegido, perseguido por uma minoria privilegiada e protegida pelos poderes públicos?

Os crimes são constantes, parecem que não se passa um só dia sem uma violência praticada contra um morador. E os governantes assistem a tudo isto impassíveis. As violências geram violências. Se se dão casos, como o que se deu há pouco tempo, aqui nos arredores, de um inquilino esfaquear um senhorio que o perseguia, as autoridades, que fecham olhos aos crimes desses exploradores odiosos, apressam-se imediatamente a prender e torturar o desgraçado que há falta dum lei que o proteja (porque dizem os governantes que as leis protegem o povo...) tem de servir-se dum facho para desmascarar o seu brio de homem, para não passar por covarde aos olhos do mundo.

No entanto, nós, que preconizamos a acção revolucionária e só nela confiamos, temos a certeza de que se o povo, esses milhares de sacrificados não se erguerem num gesto activo, obrigando os governantes a adoptar as medidas que já indicámos, várias vezes nos seus traços gerais; se não collocarmos, como se costuma dizer, os governos entre a espada e a parede, assistiremos em breve a maiores crimes, a mais odiosas perseguições, que não deshonram apenas os senhorios, mas dão uma tristíssima ideia do brio, da dignidade popular.

## NA SEXTA-FEIRA

### A festa de A BATALHA no teatro do Ginásio

Os poucos bilhetes que a comissão conserva em seu poder desaparecerão hoje, pois já os pedidos excedem as reservas. Isto demonstra o entusiasmo que o festival da Batalha está suscitando. Do programa constará, conforme já informámos os leitores, uma das melhores peças do repertório do Ginásio. A conferência de Cristiano de Carvalho, o conhecido militante do norte, uma poesia de Manuel Ribeiro e vários números de música completarão o belíssimo espectáculo, que representará para o órgão dos trabalhadores uma nova consagração.

Atenta a grande procura de bilhetes, a comissão declara que só garante os pedidos de entradas cuja importância for satisfeita hoje, até às 23 horas. Depois dessa hora a comissão julgase com o direito de dispor dos bilhetes não pagos, satisfazendo assim muitos pedidos que recebem.

## NA ESPANHA NEGRA

### Um capitão general que se salienta na perseguição

SARAGOÇA, 14. — O capitão general mandou fechar um estabelecimento onde se efectuavam reuniões sindicais. A mesma autoridade partiu para várias povoações próximas, para passar revista às guardas civis. — *Rádio.*

### Os sindicalistas defendem-se

VALENCIA, 14. — Quando dois operários saíam dum café na rua de Jesus, foram alvejados com tiros por um grupo de sindicalistas, ficando em estado gravíssimo. — *Rádio.*

### Um indivíduo morto com três tiros

BARCELONA, 14. — No local onde tem a sua sede a União Geral dos Sindicatos Livres, houve grande discussão, ficando um indivíduo morto com três tiros na cabeça, e outros gravemente feridos.

A polícia efectuou muitas prisões. — *Rádio.*

### Sessenta mil operários sem trabalho

BARCELONA, 14. — Em consequência da crise industrial, encontram-se sem trabalho sessenta mil operários. — *Rádio.*

### Sindicalistas presos por atirar ao alvo

BILBAU, 14. — Foram presos vários sindicalistas quando se exercitavam no tiro ao alvo. — *Rádio.*

### A propósito da Terceira Internacional

Julgamos que no interesse da própria revolução se deve difundir tanto quanto possível o espírito anarquista de desobediência e de revolta contra toda a disciplina coacta e coercitiva, tornando insustentável toda a ditadura, qualquer que seja o nome que tenha.

Felizmente na Europa ocidental esta propaganda é facilitada pela índole das populações, pela inteligência da classe operária, pelo amor à liberdade, profundo sentimento em nós desenvolvido por uma evolução secular, através um centenar de revoluções. Dizem que Lênine lhe chama um preconceito burguês, segundo uma interpretação marxista. Mas na realidade trata-se dum verdadeira necessidade do pão e do amor.

Uma prova de que não só no mundo anarquista propriamente dito, mas também no meio das organizações sindicais de tendências mais avançadas está este sentimento de liberdade bem desenvolvido, têm-lo na recente Congresso sindicalista internacional (isto é, dos sindicatos do tipo da União Sindicalista Italiana) realizado em Berlim, onde a maioria dos assistentes se manifestou contra toda a espécie de ditadura política.

O Congresso, por deferência para com os méritos indiscutíveis da revolução bolchevista, colocou-se numa atitude benevolente perante a Internacional moscovita; mas no final deu a entender que se a projectada Internacional sindicalista for organizada nas mesmas bases autoritárias e centralizadoras do partido comunista, não se realizará jamais.

Pelo mesmo as organizações sindicais revolucionárias, tanto da Europa ocidental, como da América, não aderirão, e formarão provavelmente uma Internacional à parte.

Tudo isto é animador. E seria bom que todos os camaradas estivessem ao corrente tanto do movimento como da atitude da Internacional comunista perante os anarquistas, para fazerem um juízo exacto da posição recíproca das duas correntes do comunismo, autoritária e a libertária, e dos limites dentro dos quais é possível a cooperação fraternal entre uma e outra, e quais os caminhos que cada uma delas tem de seguir separadas.

(Da *Revista Nova*). CATILINA

## NA RÚSSIA VERMELHA

### ...E O TRABALHO PROSSEGUE

(DA ROSTA WIEN)

### O problema da electrificação

O Instituto Hidráulico de Petrogrado decidiu encarregar uma expedição científica de estudar os lagos de Olonez e de Petrogrado sob o ponto de vista de electrificação.

Os trabalhos de electrificação no Volga prosseguem dum maneira satisfatória. As forças hidráulicas do Volga e dos seus afluentes são largamente utilizadas.

### Os Sôviets e os sacerdotes

Um recente decreto dos Sôviets permite empregar os padres nos serviços públicos desde que eles renunciem ao seu título eclesiástico. Os jornais assinam o caso do padre de Garbovo que acaba de dirigir a seguinte declaração ao Sôviets do distrito de Russky:

«Eu, sacerdote da aldeia de Garbovo, declaro renunciar às minhas funções na Igreja ortodoxa bem como ao meu título eclesiástico. Doravante considero-me cidadão da República dos Sôviets. (a) Platon Platonovitch, Smolenski.»

### A higiene pública

O Sôviets de Moscôvia publicou um decreto tornando gratuito o uso de todos os banhos em Moscôvia.

### A produção do sal

O convite das minas de sal em Semipalatinsk dispõe de 7 milhões e meio de puds de sal, junto do lago Korakowsk encontram-se armazenados três milhões e meio e nos depósitos do caminho de ferro 200.000 puds de sal.

### A conferência russo-turca

Na primeira sessão da conferência russo-turca, Theetzerine, no seu discurso de abertura, sublinhou a importância histórica da luta dos povos do Oriente contra o imperialismo europeu e alta finança que atraz dele se esconde. A luta contra o capital tomou na Rússia a forma da revolução comunista. As massas operárias da Rússia estão à cabeça dos povos que lutam pela sua emancipação e pela sua independência. O movimento revolucionário em todos os países torna possível aos operários da Rússia defender o seu país e os resultados da revolução, e ajudar as massas trabalhadoras da Turquia a salvaguardar a sua independência nacional. Um movimento comunista propriamente dito ainda não se manifestou na Turquia, mas a Turquia com quem as massas operárias da Rússia mantêm relações fraternais e amigáveis, não é o antigo país imperialista, é a Turquia dos operários, dos camponeses e dos pequenos artistas que, pela primeira vez, resolvem eles próprios sobre o seu destino.

Esta nova Turquia democrática está sujeita às mesmas provas que a Rússia revolucionária. No decurso destes últimos meses a situação mudou radicalmente, graças à luta heroica do povo turco contra a invasão estrangeira e às relações de amizade restabelecidas entre a Rússia e a Turquia e que protegem e fortalecem os dois países. Estas relações de amizade deverão encontrar a sua expressão num tratado formal.

O presidente da delegação turca, Yussuf Kemal Bey, respondeu nestes termos:

«Os opressores lançaram primeiramente os povos russos e turcos um contra o outro. Os imperialistas não estão em estado de resolver a questão oriental, mas a Turquia, decidida a salvaguardar os seus interesses, reconheceu durante as suas experiências que não podia ter confiança senão nas suas próprias forças. O tratado de Sévres não deixou nada à Turquia. Esta não pode aceitar este tratado. O povo turco está disposto a lutar até ao fim. Ele tem ante os seus olhos o exemplo de um outro povo, o povo russo, que dirige o combate para um ideal ainda mais nobre. Os dois povos deviam apoiar-se um no outro, mesmo que os seus governos o não quizessem. As tentativas da Conferência de Londres para reverter o tratado de Sévres, não podem dar resultado, porque o capitalismo não renuncia às suas exigências exorbitantes. A Turquia escolheu o bom caminho, o que conduz aos ideais russos. Ante os representantes da Rússia nova, digo com toda a sinceridade de coração:

«Tende confiança em nós! Eis dois povos que não querem submeter-se ao domínio do capital.

«É necessário por estas duas forças de acordo. Não há dúvida que a Turquia caminha para a liberdade. A Rússia e a Turquia completam-se. A delegação turca veio negociar com toda a sinceridade com o governo da Rússia. O ano passado, elaborou-se um projecto de tratado que é preciso agora alargar e fixar em termos precisos. O povo turco sabe agora o que é estar submetido ao domínio económico do capital estrangeiro. Sabemos que a independência económica é a condição essencial para a independência nacional.

«É necessário que o acordo existente entre a Rússia e a Turquia se traduza por factos e que ele seja conhecido pelos povos do mundo inteiro. Devemos manifestar publicamente o acordo entre Moscôvia, berço do comunismo, e a Turquia, berço das aspirações nacionais dos povos do Oriente. Os que estão presentes nesta conferência querem salvaguardar a liberdade dos povos e o seu direito à independência. Os dois povos lutam pelo mesmo ideal e se não se chegam a um acordo por uma aliança, será por culpa daqueles que estão encarregados de concluir o tratado em questão. A delegação turca começa as negociações com toda a consciência da sua responsabilidade e fará todo o possível para chegar a um resultado rápido e satisfatório.

## CONFERENCIAS

### Universidade Popular Portuguesa

Na sua palestra de ontem o dr. A. C. M. Reis indicou a importância da figura de Gil Vicente no teatro português, a tradição medieval e a influência da Renascença e da Reforma nas suas obras, evocando a sociedade e a arte do seu tempo, quando o esplendor da Índia entusiasmou os subditos do rei venturoso. Traçou a sua biografia, indicando o problema da unidade ou dualidade do poeta e do orador.

Gil Vicente observou admiravelmente os vícios, os ridiculos da sua época. Satirizou o frade devoto, o fidalgo bochecho mas osentimental, o onzeneiro sôrdido, o alcega, os velhos amorosos, o vilão aspirante a pagão... Há nos seus cantos de devocão, nas suas tragédias e farsas um enternecido carinho pelo povo, pastores, ganhos, arrastada da cidade, galeira sobreda personagens que anunciam as comédias de Voltaire e que tentam os males de que enternecia Portugal desde a febre do ouro à dissolução de costumes que Camões estigmatizou mais tarde, pela boca do velho do Restelo, falando nos «desamparos e adiutórios» provocados pelas aventuras longínquas.

Nos autos de Gil Vicente há devoção, um cristianismo evangélico, o amor da pátria, uma filosofia mitigada na sua severidade por um sarcasmo chocante de bôbo de grande mediação. Como nas cateiras da farsa medieval, ouvem-se, nas suas obras, hinos religiosos entoados por vozes divinas, subindo as notas por entre colunas floridas, encimadas por vezes com carrancas grotescas obscenas.

O sr. Câmara Reis leu ou citou, entre outros trechos, scenas do *Auto da Barca do Inferno*, *Auto da Feira*, *Mofina Mendes*, *Exortação da Guerra* e *Tudo o mundo e ninguém*.

### Os progressos da aviação

Um novo invento que dá bom resultado

PARIS, 14. — Tem-se feito experiências muito interessantes em França com helicópteros próximo de Valentigny no Doubs.

O aparelho construído segundo o plano do engenheiro Oehmichen efectuou desloito vários sucessivos elevando a alturas várias e retomando contacto com o solo em excelentes condições e obedecendo perfeitamente às manobras do piloto. Os jornais dizem que estas experiências marcaram uma data importante na história da conquista do ar. — *Rádio.*

### Em Petrogrado o combate recrudesce

PARIS, 14. — Dizem de Helsingfors que recrudescer a violência dos combates em Petrogrado. Muitos navios de guerra da esquadra do Báltico que estão na mão dos insurrectos bombardeiam a fortaleza de S. Pedro e S. Paulo. — *Rádio.*

### Trayam-se renhidos combates em Cronstadt

HELSINGFORS, 14. — Informam que a fortaleza de Cronstadt, à volta da qual agora se trayam renhidos combates, está fortemente fornecida de munições, faltando, entreantão, os remédios.

O Conselho Militar da República exigiu a entrega imediata das armas, concedendo aos revoltosos que se entregassem sem condições um indulto completo. — *Rádio.*

### Da Póvoa do Varzim e Vila do Conde

enviou um ofício saudando-nos fraternalmente pela passagem do segundo aniversário de A Batalha, à qual deseja muitas prosperidades.

## A ARTE E OS ARTISTAS

### A figura máxima do Teatro Português

D. João da Câmara

IV

Animado pelo êxito de *Os Velhos* e da *Triste Viúva*, D. João da Câmara quis ser mais alguma coisa que um simples obreiro de teatro: tentou seguir a tendência que então se desenhava e que consistia em fazer da arte, mais que um recreio do espírito, um factor de aperfeiçoamento humano, um elemento de renovação social. E, na posse dum técnica modelar, conhecendo todos os segredos da complicada carpinteria teatral, apresentou ao julgamento público *O Pântano*, peça de ideias generosas, feita mais para nos falar ao cérebro que ao sentimento.

O êxito não batejou o autor ilustre da *Meia Noite*, a peça fôra mesmo recebida com a hostilidade com que é costume receber-se entre nós tudo quanto fuja da vulgaridade consagrada. E o insucesso não foi motivado porque *O Pântano* fosse inferior na sua contextura, mas somente porque o nosso público, habituado a ter quem discorra por ele, não compreendeu o simbolismo que anima as personagens e a acção, como fulcro insubstituível que nos atormenta.

Esta peça, como todas as peças do teatro nórdico onde o autor foi buscar a inspiração, não deve admirar-se apenas com os olhos do rosto, mas, como noutros casos aconselha o clássico, com o entendimento. Aquelas scenas não foram traçadas só para nos recrear, mas para que o espectador raciocine sobre elas, tirando uma conclusão daquele conflito que alancia as almas das suas personagens. Foi esta, sim, a causa do fracasso de *O Pântano*.

O público, que compreendeu a simplicidade claudicante de *Os Velhos* e da *Triste Viúva*, não podia compreender o simbolismo frio que absorve a acção de *O Pântano*. E no entanto, tudo nesta peça é tão claro!

O pântano é a sociedade portuguesa do fim do século XIX. Por falta de fracionamento das terras, por carência de medidas de fomento, por incuria na administração pública, o terreno fértil transformou-se numa vasta charneca e as águas das chuvas inverniais, paralisadas, estagnaram, exalando miasmas pestilentes que atacam os corpos, quebrando-os para o trabalho fecundante, para as grandes funções da vida. Alta noite crociam em redor do pântano os corpos devoradores e esvoaçam as corujas agoréas. E das águas apodrecidas ao pântano evolvem-se avantezadas aterradoras como presépios e neblinas densas e semeadoras de febres e de quebrantamentos.

O duque é o produto de uma sociedade corrompida, o fruto de uma raça decadente. A fatalidade que o velho criado prevê, o ambiente empestiado pela podridão do pântano, subjungam-no, esmagam-no, como um poder oculto e implacável. Conhecendo o seu estado, procura libertar-se das emanções pestilentas do pântano que o corrompem, impossibilitando-o de viver a vida faustosa a que a fortuna lhe dá direito. Entrega-se a uma mulher cuja beleza o fascina e nela antevê esperanças de salvação. Só consegue, porém, mudar de veneno, porquanto a sua resistência física, sob a deleteria influência do pântano, vai-se extinguindo lenta mas progressivamente. E lamenta-se amargamente: *Tudo me esquece, tudo se apaga ante uma ideia fixa a perfurar-me o cérebro!* Mas como pode reagir contra o mal um corpo em putrefacção? E assim a luta em que se debate é inglória; a resistência que opôs ao progresso do impudalismo é por fim vencida pelo fatalismo inexorável. E o fidalgo, cuja decadência se acentua de acto para acto, que entregou alma e corpo, que abdicou da honra e dos pergaminhos pela miragem de um momento de felicidade, sucumbem sem alcançar a satisfação das suas aspirações.

Sobre a charneca árida está edificada o palácio ducal em ruínas, como em ruínas estão os corpos dos seus habitantes. A *Duquesa*, velha, parálitica e demente, que percorre a noite, como um fantasma, os corredores amplos e desertos do palácio onde o vento sibila miseravelmente e a neblina empestada penetra pela e ofusca as janelas sem vidrear *Mattide*, a vítima inocente dos desgramados padrões e que sofre sem atinar com o origem do seu sofrimento; *José*, o criado fiel, misto de vidente e de instrumento de justiça, que luta desesperadamente contra a morte por ter na vida uma alta missão a cumprir, e que presagia as desgraças e dá conselhos que por não serem ouvidos a tempo não evitam as desgraças.

E é uma figura grandiosa a deste criado desigual e decrepito, espécie de velho do Restelo no scepticismo, impõe moderação à inconsciência que faz a tragédia da família ducal. Tomando-o por demente, o pai de *Mattide* abandona família e bens, toma um nome suposto e segue na aventura uma mulher por quem se apaixona. Cançada e repeso, regressa; quando vai a entrar nos seus domínios um cigan, por conta do marido atraído, fulmina-o com um tiro. Põe um acento estranho nas palavras que só a demência da velha fidalga compreende. As suas sentenças e as suas previsões de clarividência, as suas gargalhadas casquinhas de scepticismo como as suas imprecações fulminantes amarguram as almas, lançam o terror nos espíritos, avolumam o peso das consciências carregadas de remorsos. O drama gira em volta desse velho desdentado e sedento de justiça. Ampara a velha duquesa e segue-a nas suas correrias macabras de sonâmbulo pelos corredores desertos do palácio,

mas também exorcismos em latim clássico. Anima a criança orfã e desamparada, ensinando-a a ser resignada e a esperar pela justiça immanente que ha de redimi-la. Recrimina o duque, seu pai, por não atender nos exemplos das desgraças que passaram sobre os seus maiores, como o próprio do pântano que exala o pântano: passa sobre o palácio arruinado. Tortura *Luisa*, a avó, que por quem os dois fidalgos se perderam, mostrando um prazer doentio na dor que provoca, parecendo ser essa dor o alimento do seu espírito e do seu corpo envelhecido.

*Alfredo* é um megalómano que tem do mundo e dos prazeres uma opinião estranha. Lança-se na aventura, inconscientemente, e adivinha-se que a sua obsessão o vai fazer resvalar no precipício que o atrai. É o tipo do homem moderno, aventureiro e irreflexivo, vítima dos próprios entusiasmos e da fraqueza ingênita do seu ser. Tem opiniões definidas sobre a mulher e sobre as paixões, mas é incoerente, perfiha as ideias que condena e procura a mulher que teme, seguindo-a com aquela inconsciência com que os mentecaptos seguem os ídolos que elegem.

Tem uma alta filosofia esta peça, cujo principal defeito está nas qualidades literárias do autor. As personagens falam todas de uma linguagem académica fértil de imagens riquíssimas, de um fino recorte literário. Este defeito, que poderá ser uma qualidade para alguns críticos, foi um dos escolhos contra os quais esbarrou *O Pântano*. Realmente a linguagem de *José* é demasiado literária; as suas expressões são demoradas e por isso mesmo de difícil influxo. Nunca vi a peça representada, mas esta personagem só poderia tolerar-se pelo desempenho que lhe deu Ferreira da Silva.

Sendo a reprodução dum época, esta peça tem actualidade. O pântano que D. João da Câmara simboliza, alastrou pelo país fora com a decadência da raça e com a bambocada dos últimos anos da monarquia. Proclamou-se a República, e muita gente sonhou com o ressurgimento, com o renascimento de Portugal; mas que este sonho não passou de uma quimera prova-o o atraso em que vivemos: o pântano ocupa hoje toda a extensão territorial e o regime mostra-se incapaz de o drenar. E é o encargo que fica aos herdeiros desta sociedade falida, aos obreiros de um futuro mais fecundo em que a justiça e o bem geral sejam a suprema lei.

Jesús PEIXOTO.

## Presos por questões sociais

### Comunicação da Comissão Central

Reúniu esta comissão com a presença dos delegados dos seguintes organismos:

Sindicatos Únicos Mobiliário, Construção Civil, Metalúrgico, Associação dos Manipuladores de Pão, Manteigueiros de Calçado, Sindicato Ferroviário da C. P., Cortadores, Alfaiates, Encadernadores, apreziou diverso expediente entre ele algumas reclamações das camaradas que se encontram presos e que para dar o devido andamento nomeou uma comissão que hoje irá tratar da situação dos camaradas António Canha, João Maria Major, António Casimiro da Silva, e dos camaradas ferroviários que ainda se encontram presos no quartel de Sapadores de Caminhos de Ferro às ordens do ditador Raúl Esteves.

Teve conhecimento esta comissão de se encontrarem na cadeia do Limoeiro, vindos de Évora, os camaradas rurais Florêncio José, José Manuel Leal e João Gregório Póvoas.

Receberam-se mais as seguintes importâncias: Sindicato dos Carpinteiros Naveais e Calafates, 11900 (quente); Associação dos Calafates de Lisboa, 10800 (quente); Associação dos Alfaiates, 5800 (quente); Associação dos Manipuladores de Pão 20800 (quente).

Para apreciar diversos assuntos a tratar para o bom andamento desta comissão reúne na próxima quinta-feira, em reunião extraordinária.

Pede-se a comparência de todos os seus delegados.

## VIDA POLITICA

### Comissão Paroquial Socialista de Arroios.

Esta comissão convida os antigos sócios do Centro Socialista Avançado a reunir hoje, na rua António Pereira Carriho, n.º 40, para assunto urgente e inadiável.

## NA IRLANDA

### Fala-se novamente numa trégua

LONDRES, 14. — Vão-se reabrir negociações para o estabelecimento dum trégua na Irlanda. Foi posta de parte a proposta do arcebispo Cuno em que se partia do princípio que os irlandeses deviam entregar o seu armamento. Encetar-se-ão negociações sem essa cláusula. — *Rádio.*

Vêr na 2.ª página:

## A greve dos trabalhadores dos jornais

## C. G. T.

### Comité Confederal

O Comité Confederal reúne hoje, pelas 21 horas precisas, com a presença dos novos membros.

## A MORTE DE DATO

### ¿Foi preso o executor de Dato...

MADRID, 14. — Foi preso na calle de Alcalá, 102, onde estava hospedado, Pedro Matos, o autor da morte do sr. Dato. O dono da pensão denunciou-o à polícia por coincidência os stímulos por esta fornecidos. A polícia prendeu-o no quarto, sem resistência. Encontrou-se-lhe dinheiro e um cheque de 5.000 pesetas. Declarou ter sido ele quem disparou sobre o sr. Dato, a quem viu cair no fundo do automóvel. O crime foi perpetrado com duas pistolas «Mausers». Denunciou o seu outro cúmplice, chamado Ramon Casanova, prevenindo a polícia que desconfie dele por ser portador de uma grande máquina fotográfica carregada de explosivos. — *Rádio.*

### ...ou é simplesmente boato?

MADRID, 14. — É destituído de fundamento que fossem presos os assassinos do sr. Dato, e destituídos de fundamento são também os outros boatos, incluindo a prisão de um ex-argento.

Em geral a imprensa madrileña é optimista, chegando alguns jo nais a dizer que os criminosos estão em poder das autoridades, abstendo-se de publicar mais notícias, a pedido do ministro do interior. — *Rádio.*

## O arrojo dos sindicalistas

MADRID, 14. — Em frente da casa do sr. Dato apareceram afixados vários panfletos políticos e de uma altíssima personalidade. A polícia arrancou-os imediatamente, sendo motivo da admiração geral a audácia dos que os usaram para tais papeis. — *Rádio.*

## Saúdações dos organismos operários

A União Ferroviária, na sua última



